

Rebobina-me, mãe

*Para Maria, a neta da minha amiga Ana Maria**

Os senhores leitores devem estar habituados a ler o que escrevo sobre os direitos das crianças. Não apenas por eu ser da Amnistia Internacional e colaborar com Human Rights Watch. O motivo real, é que as crianças não têm apenas direitos à paz, à alegria, à calma, ao respeito por parte dos pais, mas também à capacidade de serem entendidos por eles e de receberem respostas adequadas à idade da sua epistemologia.

O direito mais importante de uma criança, é o de ser entendida dentro do que é a sua experiência, dos seus conceitos. Uma luta infatigável que tenho empreendido ao longo dos anos e que me tem levado a escrever imensos livros sobre as crianças, que o leitor pode ou não conhecer. Tenho vivido com elas na Europa do Norte, Europa do Sul, na África, na América Latina. E foi em todos esses sítios que aprendi que a criança vive obrigada a suportar os desafios entre adultos, que mal entende. Como Maria. Que adora a sua mãe e o seu pai, que gosta de estar aconchegada por eles, de receber palavras doces e meigas, de brincar à Tólkien com os adultos e não gosta de ser sistematicamente afastada da presença dos seus, com seu querido e pequeno discurso de amor e de procura de protecção.

Os senhores leitores leram-me no número anterior deste jornal, quando defendi os pequenos dos ataques sexuais. Mas, os desencontros emotivos entre os pais, não são também um ataque à sua dignidade de ser humano, ao seu saber, à sua capacidade de amar e entender a esse Outro escolhido pela criança? Sim, a criança é social. Sim, a criança partilha a vida com outras. Sim, a criança aprende também do mundo de fora do lar. Mas, mais uma vez, esse mundo de fora, não é a guerra que temos *ad portas*, não é o debate entre os donos do mundo? Como é que essa criança é capaz de entender tamanha realidade que paira no quotidiano, se a sua pessoa epistemologia não é embalada, acarinhada, explicada, desenvolvida pela atitude alerta dos seus pais e dos outros membros do seu lar? Direito central de entre todos eles.

Não é em vão que Maria disse um dia a sua mãe: *rebobina-me* e deixa-me entrar em ti outra vez, para que tudo torne a ser como era antigamente; para estar contigo e com o pai; para estar aquecida no teu corpo, para que me oiças dia após dia, para estarmos eternamente juntas e que tu e o pai, na espera de mim, estejam contentes porque não sabem quem sou eu, não faço barulho, não estou presente no vosso caminho da vida. *Rebobina-me* mãe, e deixa-me esconder dentro de ti. Maria não sabia de Lynne Murray e Liz Andrews, de Melanie Klein, de Daniel Sampaio, de Alice Miller, deste escritor que vós fala. Sabia da sua dor. Da sua profunda tristeza por estar no meio de uma bagatela, não de Beethoven, mas dos pais. Esses que nunca souberam distinguir entre serem pais e serem cônjuges, como já falei noutro texto deste jornal. Mas sabia sim que precisava ser amada, ouvida, passeada, correspondida. Maria queria e quer colo. Maria queria e quer apoio. Fugiu para sua experiente avó, capaz da acolher, avó que não percebeu que um grito dela aos pais de Maria, incutir-lhes-ia fortes reticências, por causa da avó ser, principalmente, mãe.

Maria, será que a solução é se *rebobinar*? A todas as Marias de todos os sítios do mundo? *Rebobinar*, conceito de Maria que, como Human Rights Watch, acolho e prometo desenvolver no meu próximo livro. Maria será co-autora, tal e qual é autora de si própria. Epistemologia da criança, Direito Universal Inalienável dos mais novos que os adultos estão obrigados a entender, respeitar e aceitar.

*Dados retirados do meu trabalho de campo durante este verão de 2002.

Bibliografia:

- Iturra, Raúl, 1994: *Échec Scolaire ou École en Échec ? Têtes dures, têtes vides*, L'Harmattan, Paris.
- Iturra, Raúl, 2002: *O caos da criança. Ensaio de Antropologia da Educação*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Iturra, Raúl, 2002: "A epistemologia da Infância. Ensaio de Antropologia da Educação" in *Educação, Sociedade e Culturas*, Afrontamento, Porto.
- Klein, Melanie, (1961) 1884: *Narrativa da análise de uma criança*, Imago, Rio de Jeniro.
- Tolkien, John, 1954: *The Lord of the rings*, Faber, Londres.

- **Miller, Alice, 1987: The drama of being a child, Virago, Londres. Há versão castelhana em Tusquets, Barcelona.**
- **Murray, Lynne e Andrews, Lynne, 2000: The social baby, CP Publishing, Surrey.**
- **Sampaio, Daniel, 2002: Lições do Abismo, Caminho, Lisboa.**